POTENCIALIDADES DAS HUMANIDADES PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE DEMOCRÁTICA

Adilson Cristiano Habowski[i]

RESENHA: NUSSBAUM, M. *Sem fins lucrativos: por que a democracia precisa das humanidades. São. Paulo:* WMF Martins Fontes, 2015.

Resumo: Trata-se de uma resenha da obra *Sem fins lucrativos: por que a democracia precisa das humanidades* da filósofa norte-americana Martha Craven Nussbaum. Na obra, a autora discorre sobre a crise global da educação humanista e o seu dano para o futuro da democracia. Nussbaum (2015) discorre que diversos países estão retirando, de maneira gradual, o ensino das artes e das disciplinas humanas dos currículos das escolas e favorecendo as disciplinas técnicas e científicas, consideradas mais prósperas para atingir os objetivos das políticas de desenvolvimento mercadológico. No Brasil, as reflexões de Nussbaum adquirem plena atualidade e significância tendo em vista os tempos de fragilidade na democracia e contingenciamento de investimento público nas áreas de humanas.

Palavras-chave: democracia; humanidades; lucro; currículo.

HUMANITIES' POTENTIAL FOR THE CONSTRUCTION OF A DEMOCRATIC SOCIETY

Abstract: This is a review of the *Not for Profit: Why Democracy Needs the Humanities* of the American philosopher Martha Craven Nussbaum. In the work, the author discusses the global crisis of humanist education and its damage to the future of democracy. Nussbaum (2015) discusses that several countries are gradually withdrawing the teaching of the arts and human disciplines from school curricula and favoring technical and scientific disciplines, considered more prosperous to achieve the objectives of market development policies. In Brazil, Nussbaum's reflections acquire full timeliness and significance in view of the times of fragility in democracy and the contingency of public investment in human ities.

Keywords: democracy; humanities; profit; curriculum.

A obra *Sem fins lucrativos: por que a democracia precisa das humanidades*[ii] escrita pela filósofa norte-americana Martha Craven Nussbaum representa uma reflexão em torno da defesa das humanidades como princípio fundamental para a construção de uma sociedade democrática. Dentre os destacados pensadores que têm escrito reflexões sobre a crise das humanidades é Martha Nussbaum (Nova York, 1947), professora do Departamento de Filosofia da Escola de Direito da Universidade de Chicago (USA). A sua formação consiste nos Estudos Clássicos de literatura e filosofia que cursou na Universidade de Nova Iorque e em Harvard. É

2020, HABOWSKI, Adilson Cristiano. Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comercias, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.

autora de dezenas de livros e centenas de artigos científicos, além de ter sido condecorada com dezenas de títulos honoríficos. Em 2005 foi listada entre os cem pensadores mais influentes do mundo em uma enquete realizada pela *Foreign Policy*.

A obra é constituída por sete capítulos, a saber: **I.** A crise silenciosa; **II.** Ensino para o lucro, ensino para a democracia; **III.** Formar os cidadãos: os sentimentos morais (e antimorais); **IV.** A pedagogia socrática: a importância do raciocínio; **V.** Cidadãos do mundo; **VI.** Cultivar a imaginação: a literatura e as artes; **VII.** O ensino democrático às cordas.

Nesta obra a autora trata sobre a crise da educação humanista que em uma escala mundial está se tornando nociva para democracia e ao futuro das novas gerações. Ou seja, "estamos em meio de uma crise de enormes proporções e de grave significado global", tratando-se de "uma crise que, no longo prazo, provavelmente será muito mais prejudicial para o futuro dos governos democráticos: uma crise mundial da educação" (NUSSBAUM, 2015, p.3). Para Nussbaum (2015, p. x) há uma ''tendência de reduzir a educação, desde os primeiros anos da escola até a universidade, a um processo de capacitação para o negócio e à contribuição para o PIB per capita da nação" incitadas por uma compreensão problemática e equivocada de desenvolvimento.

A competição que visa a lucratividade nos negócios internacionais está decompondo a capacidade de refletir de forma crítica, de ir além aos acontecimentos locais e de enfrentar os problemas mundiais enquanto sujeitos que fazem parte do mundo. Chama a atenção que estamos vivenciando uma crise global, que vai além dos aspectos econômicos, se trata de uma crise tácita da educação, de extensões inéditas e de abrangência mundial danosa para o futuro da democracia, tendo em vista a sedução de elevar ao máximo a expansão econômica e pela lógica pelo lucro em curto prazo, que acaba também tendo ressonâncias nos processos de aprendizagens escolares.

Aspecto importante que a autora apresenta é que a educação em diversas nações está retirando de forma gradual o ensino das artes e das disciplinas humanas dos currículos escolares e favorecendo as disciplinas científicas e técnicas, consideradas mais convenientes para atingir os objetivos colocadas pelas políticas de desenvolvimento mercadológico. Para a autora, não importa se o acadêmico é das áreas tecnológicas, da saúde, da matemática, da engenharia, física, etc., mas que todos deveriam transitar por um currículo em que as artes e as ciências humanas seriam abrangidas como essenciais e não apenas opcionais. Assim, no mundo inteiro "os cursos de artes e humanidades estão sendo eliminados de todos os níveis curriculares, em favor do desenvolvimento dos cursos técnicos" (NUSSBAUM, 2015, p. 23).

Os apoiadores do sistema econômico não apenas entendem os estudos humanistas e as artes como sem utilidade e caros, justificando a política indiscriminada nos cortes orçamentários em períodos de crise e direcionando os recursos para as disciplinas que são consideradas mais rentáveis para a economia, como as ciências naturais, as matemáticas e as tecnologias. Além desse direcionamento de recursos, os apoiadores também compreendem como desfavorável, tendo em vista que os sujeitos, dotados de uma perspectiva (auto)crítica, compõem uma ameaça para o desenvolvimento de uma sociedade que desconsidera as desigualdades e as discriminações sociais.

> Se não insistirmos na importância crucial das humanidades e das artes, elas vão desaparecer gradativamente porque não dão lucro. Elas só fazem o que é muito mais precioso do que isso: criam um mundo no qual vale a pena viver, pessoas que são capazes de enxergar os outros seres humanos como pessoas completas, com opiniões e sentimentos próprios que merecem respeito e compreensão, e nações que são capazes de superar o medo e a desconfiança em prol de um debate gratificante e sensato (NUSSBAUM, 2015, p. 143-144).

Um sistema de educação destituído dos saberes humanísticos e das artes, coloca em crise o próprio entendimento de democracia, que está alicerçada no respeito pelo sujeito. Nussbaum (2015, p. xvi) chama atenção para que "os alunos de arte e literatura também aprendem a se colocar na posição dos outros, uma capacidade que é fundamental para uma democracia bem-sucedida e para o desenvolvimento de nosso 'olhar interno"'. Para Nussbaum (2015), o que está em questão é qual nação que estamos construindo para as próximas gerações, e qual o perfil de cidadão que estamos formando, para que estes sejam capazes de cumprir de forma plena a sua própria função na sociedade. A instituição de ensino, enquanto um horizonte para tantas possibilidades, exerce grande função contra a subordinação para os pensamentos acientíficos e acríticos, não se submetendo aos pensamentos hegemônicos. Na verdade,

> Modelos puros de educação para o desenvolvimento econômico são difíceis de encontrar em democracias sólidas, uma vez que a democracia se baseia no respeito a cada pessoa e o modelo de crescimento só respeita o conjunto. Não obstante, os sistemas educacionais estão se aproximando cada vez mais do modelo de crescimento, sem se importar muito com sua inadaptabilidade aos objetivos da democracia (NUSSBAUM, 2015, p. 24).

A perspectiva socrática é o alicerce do corpo da obra, partindo da perspectiva de Sócrates quando dizia aos atenienses que "uma vida sem reflexão não vale a pena ser vivida", de onde a democracia sempre se fortaleceu e junto com ela as instituições. Nussbaum dialoga

com pensadores como Jean-Jacques Rousseau, John Dewey, Ralph Ellison, Donald Winnicott e Rabindranath Tagore, expondo a diversidade de suas referências. Com base nestes pensadores, Nussbaum confere à literatura e cultura uma função primordial, que consiste em avigorar as reservas emocionais e criativas dos sujeitos de modo que garanta a (auto)compreensão e a empatia que se constitui fundamental para a concepção de educação para a democracia. Nussbaum critica a cultura da competitividade e do progresso individual como uma visão egocêntrica de modo que o torna incapaz de desenvolver a empatia, a sensibilidade e valores éticos, elementos para a construção da sociedade democrática.

Nussbaum destaca que é primordial que se insira nos currículos da educação básica e superior os estudos das ciências humanas e das artes liberais para construir uma sociedade democrática.

> A arte é uma grande inimiga dessa estupidez, e os artistas (a não ser que estejam completamente intimidados e corrompidos) não são servos confiáveis de nenhuma ideologia, mesmo que ela seja basicamente boa – eles sempre pedem que a imaginação ultrapasse seus limites habituais e veja o mundo de outras maneiras. Por essa razão, os educadores que defendem o crescimento econômico fazem campanha contra a inclusão das humanidades e das artes no ensino fundamental. Essa investida acontece hoje no mundo inteiro (NUSSBAUM, 2015, p. 24).

A autora parte do questionamento do porquê as questões que são determinantes para a concretização e conservação da democracia sejam desvanecidos a partir da preferência de disciplinas em que o objetivo reside na aquisição de cada vez mais lucros das empresas. Assim, Nussbaum recomenda que os reitores das universidades ofereçam eventos e seminários para se orientarem para aumentar o interesse por assuntos humanistas que tem uma baixa visibilidade nas universidades e empresas, no sentido de formar cidadãos de valores humanistas e não em formar sujeitos que são convenientes para o mercado. Curvando-se com a lógica do mercado de competição lucrativa, a educação esquecerá de debater sobre as questões que são centrais para a democracia.

> Concentrados na busca pela riqueza nos inclinamos cada vez mais para esperar de nossas escolas que formem pessoas aptas para gerar renda (lucro), no lugar de cidadãos reflexivos. Frente à pressão para reduzir gastos, excluímos precisamente aquelas partes de todo empreendimento educativo que são fundamentais para conservar a saúde de nossa sociedade (NUSSBAUM, 2010, p. 187).

Nussbaum entende que o modelo de desenvolvimento humano precisa possibilitar aos cidadãos oportunidades para o seu desenvolvimento a partir de elementos dos valores da

autonomia individual, social e de dignidade humana. Para tanto, é necessária uma relação de bases dialógicas entre os governos e os cidadãos, estabelecendo um ambiente comum de encontro para além dos espaços de vivência privada. Assim como na democracia ateniense em que Sócrates viveu, os sujeitos contemporâneos também necessitam de uma educação abrangente para pensar e argumentar, raciocinar as questões políticas sem limitar-se às questões técnicas dos problemas. A autora destaca que a democracia é efetiva por sujeitos comuns na esfera cotidiana e em seus diversos ambientes e necessidades. Também é preciso experienciar aspectos da democracia no âmbito das instituições políticas e jurídicas, sobretudo na competência de apontarmos críticas aos líderes políticos do Estado. A partir dessa perspectiva, o Estado passa a ser constituído pela participação de diversos grupos, de perspectivas contraditórias constituído de entrelaçamentos de interesses, passando a compreender que em uma nação coexistem diferentes povos e culturas.

Nesse processo, Nussbaum argumenta que o modelo de formação que tem elementos da democracia está alicerçado na aprendizagem que requer um envolvimento ativo dos educandos por meio de indagações e reflexões. Portanto, "devemos tratar cada estudante como um indivíduo em pleno desenvolvimento de suas faculdades mentais, de quem se espera uma contribuição ativa e criativa aos debates que podem surgir em sala de aula" (NUSSBAUM, 2010, p. 84). Tal perspectiva pedagógica pressupõe que os educandos não recebam de forma passiva os conhecimentos conduzidos pelos educadores, mas pressupõe um trabalho colaborativo para resolver os questionamentos em sala de aula. Essa concepção de aprendizagem forma sujeitos com capacidade de raciocínio (auto)crítico, na contramão de um sistema que forme para funcionar como operários obedientes e disciplinados, na execução dos fazeres que lhe são direcionados servindo os interesses das empresas e do capital. A partir disso, Nussbaum entende que para a construção de uma postura democrática escolar e acadêmica é preciso defender um ensino como base em uma metodologia socrática, dialógica e questionadora em que o exercício constante e de profundidade nas argumentações ajudaria para as experiências de vida.

A insuficiência de uma concepção humanista conduz a relação humana regida por interesses manipuladores com fins utilitaristas, em que os sujeitos são percebidos como insensíveis e de poder desfrutar de qualquer espécie de ganancia. Este cenário aponta para o fracasso do exercício da democracia que se baseia no respeito da alteridade, de perceber o outro como sujeito que deve ser respeitado e reconhecido. Contemplar a alteridade, no horizonte educativo, significa valorizar as diferenças e a abertura ao outro, para promover relações mais

humanas, equitativas e democráticas, levando em consideração as manifestações presentes no mundo.

> A escola tem grande responsabilidade quando negligencia ou se omite diante dos conflitos entre estudantes. Se a escola não propiciar debates democráticos para um pensar crítico, no sentido de reconhecer o outro, respeitar e valorizar as diferenças em sala de aula, então, corremos o risco de que novas barbáries se repitam, assim como: exclusões, reprodução de preconceitos, coerção e silenciamento do outro. A educação sensível a todas as dimensões humanas (subjetivas, objetivas e sociais) conecta a linguagem pedagógica à construção da identidade dos estudantes, para além de uma expectativa idealizada ou de uma visão pejorativa e distanciada do que é diferente (HABOWSKI; CONTE; PUGENS, 2018, p. 191).

A educação ganha seu pleno sentido quando alcança o pertencimento coletivo, que alonga a mão ao outro, superando a pressão individualista e opressora a partir do reconhecimento e estímulo para a curiosidade epistemológica que acontece pelo pensar crítico e coletivo. A construção da democracia e o reconhecimento do outro demanda o olhar de intersubjetividade das relações, dos outros sujeitos como possuidores de direitos e de ação (re)criadora da política.

É por meio do argumento e confronto com o outro que aprofundamos os nossos saberes, identificamos as nossas contradições e conhecemos novas possibilidades de perceber a realidade e de resolver os problemas. De acordo com Nussbaum (2015, p. 50-51), na crítica socrática,

> (...) a posição social do orador não conta; a única coisa que conta é a natureza da argumentação (...) Em uma democracia, a pessoa adequada para se ter é aquela que está preparada para acompanhar uma argumentação em vez de números, o tipo de pessoa que enfrentaria a pressão para que dissesse algo falso ou precipitado".

É essencial o estímulo para a formação de pensamento dos sujeitos para não cair na reprodução de um princípio de determinado grupo que pressiona para que aceite como uma verdade única. Assim, "o argumentador socrático é um dissidente inveterado porque sabe que a única coisa que existe é cada um com sua argumentação a lidar com as coisas" (NUSSBAUM, 2015, p. 51). Nussbaum compreende que a tradição com alicerce nos valores socráticos forma cidadãos atuantes, críticos, curiosos, com capacidade de resistência à pressão homogênea. De acordo com Nussbaum (2015, p. 95-96), "isso significa a capacidade de pensar como deve ser se encontrar no lugar de uma pessoa diferente de nós, de ser um interprete inteligente da história dessa pessoa e de compreender as emoções, os anseios e os desejos que alguém naquela situação pode ter". Além disso, o potencial da imaginação criativa consiste na "capacidade de pensar

como seria estar no lugar de outra pessoa, de interpretar com inteligência o relato dessa pessoa e de entender os sentimentos, os desejos e as expectativas que poderia ter essa pessoa" (NUSSBAUM, 2010, p. 132).

A pretensão de Nussbaum com seu manifesto do anseio de uma formação humanista é que se converta em uma ação e não na observação passiva da realidade e seus funcionamentos, de modo que "caso se chegue à conclusão de que as coisas estão menos ruins do que acredito que estejam, isso não é motivo para respirar aliviado (...) Devemos redobrar nosso compromisso com os elementos da educação que mantem a vitalidade da democracia" (NUSSBAUM, 2015, p. 122).

Em contextos políticos sombrios e conservadores, as reflexões de Nussbaum adquirem plena atualidade e significância. No contexto brasileiro e por uma razão simples, a obra projeta um primoroso debate sobre a democracia, políticas públicas e as interfaces com a Educação, sobretudo em tempos de fragilidade na democracia e contingenciamento de investimento público nas áreas de humanas. A reforma do Ensino Médio, por exemplo, incorpora modificações com o objetivo de eliminar a obrigatoriedade de disciplinas como Arte, História, Filosofia, Geografia ou Sociologia sob a justificativa de que os estudantes apenas necessitam de disciplina como Português e Matemática. Essas alterações não são decorrentes de questões econômicos, mas uma nítida decorrência de um posicionamento ideológico que compreende as disciplinas de artes e humanidades como supérfluas e doutrinadoras, mas isso pela capacidade de (auto)reflexão crítica que essas disciplinas trazem para o exercício democrático da sociedade.

REFERÊNCIAS

HABOWSKI, A. C.; CONTE, E.; PUGENS, N. B. A perspectiva da alteridade na educação. *Conjectura: Filos. Educ.,* Caxias do Sul, v. 23, n. 1, p. 179-197, jan./abr. 2018. DOI: 10.18226/21784612.v23.n1.10

NUSSBAUM, M. *Sem fins lucrativos: por que a democracia precisa das humanidades. São. Paulo:* WMF Martins Fontes, 2015.

[i] Doutorando e Mestre em Educação pela Universidade La Salle - Canoas/RS, na linha de pesquisa: Culturas, Linguagens e Tecnologias na Educação. Possui o Ensino Médio na modalidade normal (magistério), com habilitação para atuar como professor nas áreas de Educação Infantil e Séries Iniciais (2014); Graduação em Teologia pela Universidade La Salle - Canoas/RS (2017) e Especialização em Docência no Ensino Superior: Práxis Educativa pela Universidade La Salle - Canoas/RS (2019). Tem experiência prática nas áreas de Educação

Infantil, Séries Iniciais e na área de Pastoral Escolar, com ênfase em Formação humana. Tem interesse principalmente nos seguintes temas: filosofia das tecnologias; tecnologias e educação; teoria crítica; filosofia da educação; hermenêutica e educação; sexualidade, gênero e educação. Participante do Núcleo de Estudos sobre Tecnologias na Educação - NETE/UNILASALLE/CNPq. E-mail: adilsonhabowski@hotmail.com. ORCID: 0000-0002-5378-7981

[ii] Do original: NUSSBAUM, M. C. *Not for Profit:* Why Democracy Needs the Humanities. Princeton and Oxford: Princeton University Press, 2010.